



ALBERTO DE OLIVEIRA

— Abro-te a minh'alma, meu caro. Que queres que te diga? Que fiz versos?... Que faço versos?... Que farei versos,— até o ultimo bater do coração?... Que nunca desdenhei a minha arte, amando-a com todas as forças, louvando-a, como Deus me permittê que a louve, bem ou mal, mas louvando-a sempre, num estremecer de estrella, num balouço de galho, num barulho de agua, num sôpro de vento, num riso de mulher, em todas as manifestações da Natureza, criadora eterna de Belleza?! A Poesia!... Como é consoladora, não é?... E dizer que ha quem não goste della!... Ouvido surdo á sua musica! Olhos cegos á sua fascinação?! Almas indifferentes ao seu resôo!... Ha quem ainda de tal modo menospreze a Poesia, que ache o mistér de a servir entre os homens uma inferioridade... (E dando de hombros, com um sorriso melancolico, riscando um phosphoro a um cinzeiro de prata sobre a sua mesa de trabalho para dar lume a um cigarro)— Admiro os homens, como tu, que enfrentam com coragem o serviço das Musas, principalmente se se traz uma lyra e uma toga... Ferreyra, quinhentista, dizia que *não fazem damno as Musas aos Doutores...* Antes ajuda a suas letras dão... Mas a fulgurante verdade de Ferreyra não se tem feito compreender, e ser poeta para a classe dos outros letrados, é quasi ser criminoso. Vejo comigo... Ora eu tenho quatro nomes: Antonio Mariano Alberto de Oliveira. Pois bem, que custaria chamarem-me Antonio Mariano Alberto, ou Alberto de Oliveira... Não... E' poeta... Uns fazem-no por habito; outros por malicia, com um sorrisozinho tão amarelo que, se lhe passassem o lenço sobre os labios, tingir-se-ia de ôcre... Mas faço que não os entendo, e vou andando... Agora, depois da eleição de *Fon-Fon*, é *Principe!*... *Majestade!* *Alteza!*... Ora, tu que me sabes a indifferença por essas cousas, não avalias...

— Mas se jamais corou de sua Arte e de bem servi-la, de a nobilitar, de a engrandecer, interrompo-o... O Raymundo, aquelle maravilhoso Raymundo, era quem adoecia, se lhe chamavam poeta... Contam que chegou, de uma feita, a irritar-se com o presidente Penna, numa

visita ao Caffete, porque este o recebera de pé, dizendo: — *apertando, em primeiro lugar, a mão do grande poeta, e depois a mão do nobre Juiz...*

Alberto de Oliveira confirma, sorrindo, o leve incidente, e todo elle se sacode, illuminado, crescendo como uma grande vaga no mar alto, a falar de Raymundo Correia. Todo elle é louvor, é admiração, é enthusiasmo pela Musa do seu amado companheiro de sonho. E me traz pela mão o Raymundo intimo, o Raymundo poeta, o Raymundo juiz, o Raymundo moço, promotor no Estado do Rio, aborrecido com o chefe politico local, — e tantas coisas interessantes me contou — e como num extase de saudade, apertando os olhos, e abalando a grande cabeça leonina: « E se eu te disser que uma das minhas maiores alegrias foram as pazes que fiz de Raymundo com Bilac. E tiramos juntos aquelle retrato... (Olho para o alto da parede do cantor das *Meridionaes* — de onde pende um grande quadro em photographia. Lá estão as tres magnificas columnas da Poesia Brasileira. Estão os tres, irmanados, amigos, confundidas as tres grandes lyras enramadas de louros, confundidas as tres grandes vozes num só abraço de amizade). Pois bem, prosegue Alberto de Oliveira, brigaram, mas brigaram a fogo e sangue; uma luta terrivel. Por esse tempo, mais ou menos, eu me havia afastado de Bilac, que, como sabes, todos sabem, esteve para ser meu cunhado. Ha uma porção dos mais lindos versos de Olavo que attribuem a esse amor. Afastados, porém, nem um só dia, deixei de lhe decorar cada verso que os jornaes lhe publicavam; nem um só dia, deixou elle de se me referir com o maior carinho. Livro meu publicado, era certa a bondade do seu applauso em chronica ou registo... Voltamos novamente a amigos, como dois namorados em quem os arrufos passam, não sendo mais possivel a delonga de uma separação. Parece que vejo ainda Bilac a gritar para o mar as suas estrophes!... O' Juventude!... Divino vinho! Gritavamos ambos a ver quem gritaria mais alto e com mais folego mantinha a voz. E clamavamos para o mar, Shakspeare, Victor Hugo, Camões... Elle era um dizedor incomparavel. Sua voz tinha todas as modulações; — rugia como uma tempestade; — furturina como uma pomba; reboava como um clarim de batalha; avelludava-se como frauta de pegureiro... Era assombroso!

— Mas vejo que o tempo avança... digo-lhe, despertando do enredo subtil e harmonioso em que a palavra do grande mestre me envolvia — Não vá zangar comigo... Mas *Sua Alteza* está fugindo da entrevista... Só me falou dos outros até agora, e ha duas horas que aqui estou...

Alberto de Oliveira sorri percebendo que eu havia dado acordo da sua trama. Modesto em extremo, quasi afflicto por ter de falar-me de si, procura disfarçar tocando um timpano para que nos sirvam café...

— Diz-me alguma cousa tua... Não vale falar de mim. Recita-me a tua *Praia de Milagres*... (E depois de uma certa pausa) E's meu amigo. Nada te posso dizer de novo a meu respeito... Sabes que

nasci em Saquarema, perto do mar; e de lá saído, teria 8 a 9 annos, guardo-lhe ainda o scenario: a Serra do Palmital, o campo aberto, a nossa casa, umas arvores muito grandes, e uma dellas com um abelheiro cujo zumbido, acredita, trago ainda no ouvido... De tudo isso, talvez, esse pantheismo de meus versos, esse pendor para cantar a Natureza. São as cousas nataes que resôam em mim. Menino ainda, lía da bibliotheca de Itaborahy, Casemiro, Alvares de Azevedo, e outros, e empregado do commercio que fui, lembro-me da funda impressão que me cavou um livro de versos de um tio do Ruy, de nome Climaco Ananias Barbosa de Oliveira. Esse livro intitulava-se *Tristes e Intimas*. Depois, já te contei, vim para cá, matriculei-me na Escola Normal, e sob o paronymphado espirital do meu irmão mais velho, Jose Mariano de Oliveira, ensaiei os meus primeiros versos. Publiquei-os no *Correio Niteroiense* sob o titulo de *A uns olhos*. Passei a colaborar na *A Folha*, de Manoel Carneiro, e depois na *Gazeta de Noticias*, de Ferreira de Araujo. Aos 17 para 18 annos, — era eu rapaz magro e comprido — atirei aos quatro ventos o meu primeiro livro — *Canções Romanticas*...

— Dos seus livros, prefere...

— Nenhum. Não gosto de nada que faço... Desconfio sempre dos meus versos. Elles me não contentam. Poderia dizer-te, como Heine, que os meus melhores foram aquelles que não pude fazer. A expressão não traduz o que sinto. Pensam que limo o verso, dia e nocte, na tortura de o apresentar escoreito, pretencioso, farfalhante, preocupado... Não é isso. Faço-os, e os altero, sempre que os leio, porque sinto-os reflexo esbatido do que queria dizer... Dos meus trabalhos poeticos, o que mais me satisfez até hoje, foi *Alma de flor*. Vê bem como te digo, o que mais me satisfez. Mas, agora, és tu que me estás enredando e fugindo subtilmente da canção da *Praia dos Milagres*.

Rimos ambos, e emquanto sorvemos o café arrisco uma pergunta difficil, um pedido quasi impossivel, o — de ouvir-lhe alguma cousa da *Quarta serie* das suas *Poesias*. Mas Alberto está contente e é com fidalguia que acolhe o meu pedido, depois de certa insistencia, desatando um rôlo de papeis, dizendo-me cheio daquella modestia tão sua, — e te valerá a pena?... E, oh milagre de intelligencia! Poesia, filha augusta dos Céus!... Uma nuvem de encantamento me envolve... Uma musica de serafins tange naquellas estrophes as suas harpas celestiaes!... Illumina-se a estreita sala em que estamos, dilata-se, rolam os sôes pelos seus ambitos, e eu sinto que ella se faz enorme para conter o Poeta em toda a sua olympica grandeza. Ouço-o nos alexandrinos da lettra S; ouço-o no soneto *Rausso*; ouço-o numas quadras decasyllabas, e o ouço, finalmente, no soneto *Corpo e Sombra*. Deço-lhe que mo repita, affirmando o meu enthusiasmo, proclamando-o um dos mais bellos da lingua portuguesa.

— Fi-lo ha dois dias... Está inédito... Não to dou porque é do livro, e a publicidade...

Alberto repete, porém. Apanho o chapéu, e pressuroso, apêrto a mão do ourives do *Ramo de Arvore*, e deito quasi a correr de suas vistas, afim de que me não escapem da memoria os lindos versos taes quaes os acabava de ouvir: e os passo, rapido, ao papel, e os passo aos meus leitores do *Jornal Pequeno* de Recife, e os passo ao Norte admiravel desta Terra Gigante, a toda essa Grande Linda Patria do Brasil, — ninho excelso de condores e poetas, como este Antonio Mariano Alberto de Oliveira, cujas asas, no anseio das nuvens, cada vez mais se refêsam no subir mais alto, para mais alto...

CORPO E SOMBRA

«O corpo que hoje viste, ao fim do dia,
Seguir para uma cova que o esperava
Oitenta annos viveu... E não cansava!
Quem cansou foi a sombra que o seguia...

Oitenta annos, em sua companhia,¹
Arrastada por terra como escrava!
Só quando elle no escuro repousava,
Ella no escuro repousar podia.

Oitenta annos! Liberta, finalmente,
Agora que o meteram num jazigo.
Sac lésta e leve, a esparecer contente...

E parece que em jubilo profundo.
Diz: — Emfim, só! Depois de haver contigo
Errado, quasi um seculo, no mundo!»

ADELMAR TAVARES.

Do *Jornal Pequeno*